



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE
CAMPUS AVANÇADO DE PATU
DEPARTAMENTO DE LETRAS
CURSO DE LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA**

CARLA EMILAYNE FERREIRA BEZERRA

**ESPAÇO-TEMPO GUARDIÃO DA MEMÓRIA EM DUAS NARRATIVAS CURTAS
DE *ORIGINÁRIAS: UMA ANTOLOGIA FEMININA DE LITERATURA INDÍGENA***

PATU – RN

2025

CARLA EMILAYNE FERREIRA BEZERRA

**ESPAÇO-TEMPO GUARDIÃO DA MEMÓRIA EM DUAS NARRATIVAS CURTAS
DE *ORIGINÁRIAS: UMA ANTOLOGIA FEMININA DE LITERATURA INDÍGENA***

Artigo apresentado à Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN, *Campus* Avançado de Patu – CAP, Departamento de Letras Vernáculas, como requisito obrigatório para a obtenção do título de Licenciatura em Letras Língua Portuguesa.

Linha de Pesquisa: Literatura, Memória e Cultura.

Orientadora: Profa. Dra. Annie Tarsis Moraes Figueiredo

PATU – RN

2025

© Todos os direitos estão reservados a Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. O conteúdo desta obra é de inteira responsabilidade do(a) autor(a), sendo o mesmo, passível de sanções administrativas ou penais, caso sejam infringidas as leis que regulamentam a Propriedade Intelectual, respectivamente, Patentes: Lei nº 9.279/1996 e Direitos Autorais: Lei nº 9.610/1998. A mesma poderá servir de base literária para novas pesquisas, desde que a obra e seu(a) respectivo(a) autor(a) sejam devidamente citados e mencionados os seus créditos bibliográficos.

Catálogo da Publicação na Fonte.
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

B574e Bezerra, Carla Emilayne Ferreira
Espaço-tempo guardião da memória em duas narrativas curtas de originárias: uma antologia feminina de literatura indígena. / Carla Emilayne Ferreira Bezerra. - Patu/RN, 2025.
21p.

Orientador(a): Profa. Dra. Annie Tarsis Morais Figueiredo.

Artigo Científico (Graduação em Letras (Habilitação em Língua Portuguesa e suas respectivas Literaturas)).
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

1. literatura indígena. 2. espaço. 3. memória. 4. pertencimento. I. Figueiredo, Annie Tarsis Morais. II. Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. III. Título.

CARLA EMILAYNE FERREIRA BEZERRA

**ESPAÇO-TEMPO GUARDIÃO DA MEMÓRIA EM DUAS NARRATIVAS CURTAS
DE ORIGINÁRIAS: UMA ANTOLOGIA FEMININA DE LITERATURA INDÍGENA**

Artigo apresentado à Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), *Campus* Avançado de Patu (CAP), Departamento de Letras Vernáculas, como requisito obrigatório para a obtenção do título de Licenciatura em Letras Língua Portuguesa.

Aprovada em: 26/11/2025.

Banca Examinadora

Documento assinado digitalmente
 **ANNIE TARSIS MORAIS FIGUEIREDO**
Data: 28/11/2025 18:38:23-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof^a. Dr^a. Annie Tarsis Moraes Figueiredo (Orientadora)
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN

Documento assinado digitalmente
 **ALYNE ISABELE DUARTE DA SILVA**
Data: 01/12/2025 11:03:30-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof^a. Dr^a. Alyne Isabele Duarte da Silva (Examinadora)
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN

Documento assinado digitalmente
 **FRANCISCA LAILSA RIBEIRO PINTO**
Data: 01/12/2025 10:15:02-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof^a. Dr^a. Francisca Lailsa Ribeiro Pinto (Examinadora)
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN

ESPAÇO-TEMPO GUARDIÃO DA MEMÓRIA EM DUAS NARRATIVAS CURTAS DE ORIGINÁRIAS: UMA ANTOLOGIA FEMININA DE LITERATURA INDÍGENA

Carla Emilayne Ferreira Bezerra¹
Annie Tarsis Morais Figueiredo (Orientadora)²

RESUMO

O presente estudo abordou a importância do espaço na reconstrução das memórias coletivas indígenas. Teve como objetivo analisar como se dá a relação de tempo e espaço na construção das memórias no conto *A onça-pintada no pescoço de Kauany*; *A guardiã dos segredos* e no conto *Omáua; A menina que mora no fundo dos rios*, presente na antologia de contos *Originárias* (2023), organizada por Trudruá Dorrico e Maurício Negro. Através de uma abordagem qualitativa, de caráter bibliográfico e de cunho descritivo-interpretativista, evidenciou um entendimento aprofundado acerca das cosmologias indígenas, reconhecendo o espaço como ambiente permeado de memórias e ancestralidade. A pesquisa fundamentou-se sobre os pressupostos teóricos de Gotlib (1990) e Filho (2007), que trouxeram diferentes concepções sobre o gênero conto; para estudos ao redor da Literatura Indígena escritores indígenas e pesquisadores como Graça Graúna (2013), Trudruá Dorrico (2018), Eliane Potiguara (2004), Márcia Kambeba (2018), Ailton Krenak (2020), Olivieri-Godet (2020) e Janice Thiél (2012), cujas produções teóricas ajudaram a reconhecer as nuances em torno das culturas, da memória, da resistência, do pertencimento, da cosmovisão e da relação com Mãe Terra. Foi possível obter com o presente estudo, que os contos e recontos apresentam através das cosmologias indígenas, o reconhecimento e a valorização da Literatura Indígena como parte essencial da produção literária brasileira.

Palavras-chave: literatura indígena; espaço; memória; pertencimento.

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A antologia de contos *Originárias*, publicada em 2023, pela Editora Companhia das Letrinhas, organizada por Trudruá Dorrico e Maurício Negro, traz narrativas escritas por doze mulheres indígenas. São histórias de suas vivências, trata-se de contos e recontos de origem. Temos, por trás dessas narrativas, um espaço-tempo específico, onde se conectam pontos que vão além das questões identitárias, elas se conectam a uma noção de pertencimento ao Todo, a partir da relação com a Mãe Terra, os mitos, as poéticas, os contos e os recontos, as memórias, a ancestralidade, as cosmologias e vários outros elementos de múltiplas

¹ Graduanda em Letras Língua Portuguesa (Licenciatura) no *Campus Avançado de Patu (CAP)* da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). E-mail: carlaemilayne@alu.uern.br.

² Professora Adjunta na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), no Departamento de Letras Vernáculas do *Campus Avançado de Patu (CAP)*. Doutora em Literatura e Interculturalidade (PPGLI/UEPB). E-mail: anniefigueiredo@uern.br.

etnias indígenas no Brasil. O título da obra remete à origem dos povos indígenas existentes antes da chegada dos europeus, como aponta Dorrico (2023) na apresentação da obra. Desse modo, trata-se de uma literatura que visa a continuidade dessas narrativas, reafirmando suas vozes e memórias.

Percebe-se que são essas vozes que ecoam resistência, relatos e crenças. É justamente na análise de duas narrativas curtas, *A onça-pintada no pescoço de Kauany, a guardiã dos segredos*, reconto do povo Tabajara escrito por Auritha Tabajara, que relata a história de Kauany, uma menina que nasceu com uma oncinha-pintada envolta do pescoço, mais tarde essa onça vira guardiã da aldeia, e *Omáua, a menina que mora no fundo dos rios*, conto do povo omágua-kambebe escrito por Eliane Potiguara, em que possui uma personagem professora que repassa para os estudantes uma das histórias do povo Omágua, a da filha espiritual do rio Amazonas que analisaremos como os espaços-tempos contribuem na construção das memórias, que diferem das representações advindas do pensamento ocidental, linear e cartesiano.

A priori, as pesquisas acerca dessa temática se mostraram um pouco escassas, tendo em vista que o interesse e a circularidade da Literatura Indígena se encontram muitas vezes à margem, pois é grande o volume de pessoas que adotam uma perspectiva eurocêntrica de modo que desvaloriza a cultura e os saberes dos povos originários. Existem números razoáveis de estudos sobre resistência, lutas, anos de silenciamento e conquistas acerca dos povos indígenas, mas poucos se aprofundam nas formas de ver e pensar o mundo de acordo com as cosmologias desses povos e como o espaço é um dos responsáveis pelas (re)construções das memórias coletivas, o que resultou por dificultar um pouco as pesquisas em volta do estado da arte. Nesse contexto, esta pesquisa acontece ao redor das seguintes problemáticas: de que maneira se constrói a conexão com a natureza e o pertencimento indígenas nos contos selecionados de *Originárias*? Como os espaços-tempos, presentes nas narrativas, recriam e preservam as memórias ancestrais e coletivas?

Diante da relação entre tempo e espaço como aspecto fundamental na construção da memória e resistência nos contos, as hipóteses centrais desta pesquisa foram: [1] A concepção de território dos povos originários transcende o tempo e o espaço. [2] As concepções de tempo e espaço nas narrativas indígenas se diferem de uma perspectiva ocidental, linear e cartesiana. [3] Os espaços dentro dessas narrativas indígenas se relacionam com a Natureza e a ancestralidade, o que resulta na construção do pertencimento indígena e da memória coletiva, especialmente em contextos de resistência cultural e social.

Paralelamente, este estudo justifica-se pela necessidade de compreender e valorizar a Literatura Indígena Contemporânea enquanto espaço de memória, pertencimento e resistência. A relação entre tempo e espaço, nessas narrativas, desafia a visão eurocêntrica, cronológica e racionalista, revelando uma cosmovisão cíclica e interconectada, enraizada na oralidade, na ancestralidade e no vínculo com a Mãe Terra. A partir da análise de um conto e um reconto, presentes na antologia *Originárias*, notamos como essas histórias reafirmam o pertencimento indígena através das suas conexões com o espaço-tempo, ao mesmo momento em que denunciam as práticas e os resquícios da colonização, assim como questionam as imposições linguísticas e culturais que ainda se fazem presentes na sociedade atual.

Ao destacar as narrativas de autoria de mulheres indígenas, esta pesquisa pode contribuir com outros estudos literários sobre representatividade, diversidade, reconhecimento e a necessidade de ampliar os espaços de circulação das

produções literárias indígenas, bem como possibilitar mais espaços e visibilidade às narrativas originárias, especialmente as escritas por mulheres que, ao se tratar desse meio de produção, esse apagamento se torna ainda mais denso, caracterizando um duplo processo, o genocídio e o epistemicídio, isto é, a eliminação ou deslegitimação de seus saberes, modos de narrar e formas de existir e reexistir. Assim, enfatizar essas narrativas, transpõe a importância de reconhecer essas vozes que, historicamente, foram silenciadas em quase todos os âmbitos sociais.

Dessa forma, o estudo pode fortalecer o reconhecimento da Literatura Indígena e propor outras perspectivas críticas sobre a relação entre literatura, pertencimento, resistência cultural e diversas questões que permeiam os universos dessas narrativas, reconhecendo a Literatura Indígena como parte essencial da produção literária brasileira.

Diante desse contexto, esta pesquisa acontece em torno dos seguintes objetivos: analisar como se dá a relação de tempo e espaço na construção das memórias nos contos *A onça-pintada no pescoço de Kauany, a guardiã dos segredos* e *Omáua, a menina que mora no fundo dos rios*. Compreender os espaços-tempo enquanto recriação da memória coletiva nas duas narrativas. Investigar de que maneira a Natureza está ligada às cosmo percepções indígenas. Refletir como os espaços reafirmam o pertencimento das personagens indígenas.

Este trabalho se desenvolve através de uma pesquisa com abordagem qualitativa, de caráter bibliográfico e cunho descritivo-interpretativista, com o intuito de promover uma compreensão aprofundada das percepções, das experiências, dos significados e do reconhecimento das culturas indígenas através dos contos selecionados. Escolhemos a abordagem qualitativa, pois o que buscamos é explorar e interpretar os excertos literários. Para entender melhor essa abordagem qualitativa, Guerra (2014) ressalta que:

Na abordagem qualitativa, o cientista objetiva aprofundar-se na compreensão dos fenômenos que estuda – ações dos indivíduos, grupos ou organizações em seu ambiente ou contexto social – interpretando-os segundo a perspectiva dos próprios sujeitos que participam da situação, sem se preocupar com representatividade numérica, generalizações estatísticas e relações lineares de causa e efeito (Guerra, 2014, p. 11).

A abordagem qualitativa permite o aprofundamento na investigação dos sentidos, não de forma isolada, mas, em um contexto em que os indivíduos estão inseridos, se colocando no lugar do outro para entender crenças, sentimentos e valores, reconhecendo a complexidade e a subjetividade.

O presente estudo tem como aporte teórico Nádia Battella Gotlib e Borges Filho, que trazem diferentes concepções sobre o gênero conto, bem como seus elementos narrativos; escritores indígenas e pesquisadores da Literatura Indígena como Daniel Munduruku, Graça Graúna, Trudruá Dorrico, Eliane Potiguara, Márcia Kambeba, Ailton Krenak, Auritha Tabajara, Olivieri-Godet e Janice Thiél para reconhecer as nuances em torno das culturas, das memórias, da resistência, do pertencimento, da cosmovisão e da relação com Mãe Terra.

O *corpus* da pesquisa foi constituído a partir da análise de dois contos do livro *Originárias* (2023). Os dados foram coletados por meio da interpretação de passagens literárias em diálogo com as teorias, com foco na análise dos contos selecionados visando compreender como os espaços-tempo recriam as memórias coletivas e ancestrais.

Portanto, o presente artigo foi dividido em seções. Após as Considerações Iniciais, temos a seção que trata da Literatura Indígena Contemporânea, com dois subtópicos, um em que abordamos as marcas orais e posteriormente as questões étnicas, na quarta seção, concepções acerca dos gêneros conto e reconto. No terceiro tópico temos o espaço e a memória nos dois contos, também dividido em dois subtópicos para análises centradas no conto e no reconto, respectivamente. Por fim, temos as Considerações Finais.

2 LITERATURA INDÍGENA CONTEMPORÂNEA

A Literatura Indígena é um território permeado de ancestralidade, memórias, cosmologias, relações espirituais com a Natureza e, de igual importância, resistência. Uma escrita de resistência pela retomada da voz e valorização cultural, pelos quinhentos e vinte cinco anos em que foram estereotipados e retratados de forma errônea, desde o início da colonização até os dias atuais, por autores não indígenas. Assim, a literatura nativa (terminologia de Olívio Jecupé) vai além de uma literatura de cunho artístico, ela é um ato de luta e resistência política e cultural, desconstruindo o passado desenhado por figuras dominantes e reafirmando suas culturas e etnias, protegendo e preservando seu passado, presente e futuro. Como cita Roland Walter, no prefácio do livro *Contrapontos da literatura indígena* (2013), da pesquisadora Graça Graúna:

[...] a literatura indígena e sua crítica literária são fundamentais em: a) afirmar e problematizar a cultura e os direitos indígenas e assim contribuir para a ampliação do processo da construção nacional multicultural; e b) retificar as distorções do discurso hegemônico cujos estereótipos definem os indígenas por meio de uma categoria de exotismo, primitivismo e/ou desumanidade (Graúna, 2013, p. 13).

Essa literatura, além de permitir a reapropriação do lugar de fala daqueles que muitas vezes foram silenciados e combater estigmas, reafirma o cenário cultural brasileiro dos povos originários. Mas, apesar disso, percebemos o quanto a Literatura Indígena Contemporânea ainda enfrenta grandes desafios para conquistar um espaço de visibilidade no cenário editorial brasileiro, permanecendo, em grande parte, desconhecida devido ao apagamento histórico dos povos originários, reflexo dos resquícios da colonização. Mesmo diante de todos esses silenciamentos, os escritores indígenas continuam lutando para que suas vozes sejam ouvidas através do seu lugar de fala para assim, desmistificar toda construção estereotipada que se perpetua até os dias atuais, conforme afirma Trudruá Dorrico (2018):

[...] o sujeito indígena destaca-se como alguém em processo de retomada da voz e de apropriação da letra em defesa de seu povo e de si, contra uma representação não comprometida com as pertencências étnicas utilizadas por autores não-indígenas na literatura brasileira, contra uma representação extemporânea e desvinculada à alteridade indígena que lhe retira esse lugar de fala e caricaturiza a compreensão pública, política e cultural de modo equivocado (Dorrico, 2018, p. 231).

Deste modo, vemos que essas representações, não respeitavam o pertencimento indígena, as culturas e a própria realidade dos envolvidos através de representações ultrapassadas e com uma visão dominante, colocando os povos

indígenas em uma posição em que suas vozes e visões são silenciadas, refletindo na perda do posicionamento em seu próprio nome. Por isso a Literatura Indígena é tão importante, percebermos a força dessa escrita como uma retomada que une os sujeitos, coletivamente, através de suas etnias, cosmologias, ancestralidades e culturas.

Diante desse contexto, Janice Thiél (2012, p. 49-50) elenca que a Literatura Indígena não recebe o devido reconhecimento, mesmo diante das variedades de gêneros existentes nessa literatura, ela continua sendo desconhecida e de difícil circulação entre as escolas brasileiras, isso se dá pela falta de reconhecimento desses escritos enquanto literatura propriamente dita, o que resulta em uma visão reducionista, que vê a escrita indígena como algo exótico, onde o escritor vira um objeto de curiosidade.

Essa visão de exclusão da Literatura Indígena, por não considerá-la obras literárias, é carregada de preconceitos históricos e culturais, advindas de uma tradição literária que valoriza os padrões, como textos escritos em línguas “oficiais”, com formas narrativas clássicas. A Literatura Indígena foge desses padrões, talvez por isso ela seja excluída por uma sociedade dominante que, na maioria das vezes, representou os povos indígenas como selvagens e primitivos, alimentando o preconceito diante das escritas indígenas.

2.1 Tecidos da oralidade e pertencimento étnico na literatura nativa

A Literatura Indígena possui elementos que vão além da literatura escrita, ela transmite traços da tradição oral e é uma portadora das identidades étnicas como múltiplas culturas e senso de pertencimento, assim como da luta política dos povos indígenas. A elaboração dessas literaturas vem de narrativas perpassadas através da oralidade de geração em geração, uma vez que a oralidade sempre foi o principal meio de transmissão de conhecimento, como destaca Daniel Munduruku (2018):

O contador de histórias sempre ocupou um papel primordial dentro do povo, era centro das atenções, ele era o portador do conhecimento, e cabia a ele a missão de transmitir às novas gerações o legado cultural dos seus ancestrais. Foi desta forma que parte do conhecimento dos nossos antepassados chegou até nós, mostrando-nos um caleidoscópio ímpar, fortalecendo em nós o sentido de ser indígena. Em sua essência o indígena brasileiro sempre usou a oralidade para transmitir seus saberes, e agora ele pode usar outras tecnologias como mecanismos de transmissão (Munduruku, 2018, p. 38).

A citação mostra que além dessa valorização da oralidade e com o precursor das narrativas, há muito a presença da espiritualidade nessas tradições, tendo em vista que o contador de histórias era o responsável pelos conhecimentos e valores herdados pelos ancestrais e que futuramente serão perpassados, permitindo a preservação das memórias e o pertencimento coletivo, tudo isso pela dádiva da oralidade, que com a chegada da escrita não se perdeu, mas se transformou, pois como afirma Munduruku (2018, p. 83): “A escrita indígena é a afirmação da oralidade”. Portanto, a oralidade e a escrita, na Literatura Indígena, se entrelaçam. A escrita, nesse caso, é vista como um novo meio de reafirmar a voz de forma que a mesma permaneça viva e tenha um maior alcance, facilitando o acesso a outros espaços.

A literatura escrita pelos povos originários é a junção de duas formas de

expressão, a oralidade, que é o cerne da questão e a escrita como tecnologia de alcance, voz e resistência. Janice Thiél (2012, p. 36) destaca que: “compostas no intercâmbio entre oralidade e escritura, as textualidades indígenas revelam sua complexidade e seu caráter híbrido”. Esse caráter híbrido é destacado pela junção do oral ao escrito, que resulta em uma escrita com marcas da oralidade, como repetições, ritmos, coletividade nas vozes e memórias ancestrais. Ou seja, uma escrita que se torna coletiva e múltipla devido às oralidades ancestrais. Portanto, a escrita é utilizada como um meio de reafirmar a oralidade em uma nova forma.

A utilização da palavra tem grande valor para os povos indígenas, não somente como meio de expressão, mas para o reconhecimento, utilizando-se das palavras para preservar memórias e transmitir saberes ancestrais, pois a mesma carrega consigo não o individual, mas histórias e memórias coletivas que através da transmissão vão se mantendo preservadas.

Na Literatura Indígena, a escrita carrega o mesmo valor ancestral que o canto e a oralidade. Ela se destaca de outros meios literários por carregar histórias, crenças e vivências de um povo de forma coletiva. As palavras são cheias de representações e referências que foram perpassadas de geração em geração pela sabedoria daqueles considerados guardiões do saber, os mais velhos, por meio da oralidade. Essa tradição não permaneceu estática ou substituída pela escrita ao longo do tempo, ela continua sendo uma prática ativa e fundamental, é parte de um todo, que mantém viva a cultura indígena (Kambebe, 2018, p. 40).

Márcia Kambebe (2018, p. 43) em *Literatura Indígena Brasileira Contemporânea* ainda destaca que: “A palavra é, para os povos indígenas, um objeto de arte, pois ela representa a imagem guardada na memória de saberes”. Isso demonstra o poder da palavra em transmitir conhecimentos, histórias e lutas desses povos, que foram guardados nas memórias coletivas ao longo do tempo. Ela carrega um conjunto de vozes onde quer que vá, leva consigo na memória os sentimentos, informações, suas pertencas étnicas, o amor pela Mãe Terra. Além desse grande valor cultural, contém a beleza e a harmonia da escrita, que contém musicalidade e poesia. A palavra como um objeto de arte, simboliza justamente esse cuidado com a palavra e com a complexidade que a mesma carrega, existindo, transformando e se preservando ao mesmo tempo.

Além das conexões e histórias entrelaçadas na oralidade, a literatura indígena é vasta em seus elementos, pois traz marcas próprias das culturas originárias que se diferem de uma Literatura dita “Ocidental”, essas marcas são: a cosmovisão indígena, a relação com a Natureza, com a ancestralidade, o uso de palavras em línguas indígenas, tudo isso acaba por quebrar padrões considerados “melhores” dentro da Literatura, desde a colonização até os dias atuais, mas ao mesmo tempo reforça a pluralidade linguística no Brasil e a diversidade cultural, funcionando como um ato de resistência e denúncia sobre apagamento e silenciamento passados e atuais, retomando o direito e lugar de fala como porta-voz de suas próprias histórias.

2.2 (Re)contar para reexistir: um encontro entre vozes e memórias

Devido a fluidez e diversidade de formas, o gênero conto foi, por muito tempo, alvo de questionamentos acerca de sua composição. Em (1990), Gotlib traz diferentes concepções sobre esse gênero literário que flutua desde a teoria de unidade de efeito, postulada por Edgar Allan Poe (1842), cuja escrita é planejada para causar um impacto no leitor e, para que esse efeito aconteça, o conto tem de

ser breve, sendo a brevidade um dos aspectos considerados essenciais no conto. Essa teoria foi adotada por diversos estudiosos.

Gotlib também cita Anton Tchekhov, para quem a maior virtude do conto está na sua precisão. A concisão do mesmo deve priorizar apenas o que é essencial na construção do enredo, reforçando sua força expressiva, eliminando o exagero de detalhes, pois é na brevidade que reside sua capacidade de impacto. Mesmo diante da concepção da brevidade do conto, o mesmo não se limita apenas à teoria de unidade de efeito de Poe, Tchekhov traz um outro olhar, indo além da postulação que o conto se diferencia do romance pelo seu tamanho. Para ele, um conto é um universo onde o leitor se envolve, despertando-lhe algum efeito. Portanto, a brevidade não significa algo simples, raso e quantitativo, mas sim intensidade, levando à conclusão de que nem toda narrativa curta é um conto.

Outro aspecto observado é a captura de um momento especial, em que no conto é visto um acontecimento que reflete em uma ocasião significativa, ocasião que pode ser percebida desde uma sensação do leitor em determinado momento ou por uma experiência vivida pela personagem, até por outro lado, um instante em que nada acontece, em que se nota a ausência de mudanças. Isso mostra que esse momento varia, mas é carregado de significações. Assim, essas concepções mostram que o conto vai além das especificidades atreladas a ele, apesar de ser breve e intenso, carrega uma diversidade histórica, cultural e autoral que varia de acordo com as interpretações, causando debates sobre o que é e o que não é conto, ocasionando diversas definições. Gotlib (1990) afirma que:

Se as noites em que se contavam os contos se desdobraram em mil e uma, tentando, assim, adiar a morte, parece que as tentativas de se buscar um elemento comum aos contos para além do simples contar estórias, que o liga a sua tradição antiga, tendem também a se desdobrar, tal qual sua antiga tradição, em quase tantas quantos são os contos que se contam. O que faz também, de cada conto, um caso... teórico (Gotlib, 1990, p. 45).

A abordagem evidencia, por meio da referência a Sherazade em *As mil e uma noites*, que o conto, embora para muitos seja considerado simples, revela-se complexo em sua definição, a qual, mesmo apresentando elementos em comum, varia conforme a época, o país e o escritor, o que demonstra a dificuldade de estabelecer um conceito único para esse gênero.

Através da menção a *As mil e uma noites*, percebemos a ressalva de que os contos eram ligados à oralidade; nessa história, serviu como artifício para adiar a morte, mostrando que os contos escritos vêm dessa tradição oral, como afirma Gotlib (1990, p. 9): “A história do conto, nas suas linhas mais gerais, pode se esboçar a partir deste critério de invenção, que foi se desenvolvendo. Antes, a criação do conto e sua transmissão oral. Depois, seu registro escrito”. Dessa forma, existem diversas variações de narrativas ao longo do tempo, essa herança da oralidade mostra que o gênero existe há muitos anos e está rodeado de pluralidade, o que torna difícil encontrar um elemento universal que define o conto. Por isso, cada conto se torna um “caso teórico”, pois vai além de uma narrativa breve, se torna um elemento de reflexão que permite novas formas de pensar o gênero, é justamente essa fluidez que permite transitar entre a tradição oral e a escrita.

Outra visão que *As mil e uma noites* permite observar é a flexibilidade de se transformar e recontar os contos. Nesse caso, torna-se importante diferenciar o conto do reconto. O reconto, como o próprio termo indica, é o ato de narrar novamente algo que já existe, seja de forma oral ou escrita, diferindo do conto, que é

uma criação literária estruturada esteticamente. No entanto, no campo da Literatura Indígena, esse conceito reflete novos significados, como cita Dorrico (2023) na apresentação da obra *Originárias*: “As autoras desta antologia escreveram estes (re)contos a partir de sonhos, vivências comunitárias, histórias e modos de vida passados de geração em geração.” Logo, o reconto não é apenas o ato de transpor e repetir, mas um gesto criativo que reescreve as memórias ancestrais e coletivas, mostrando a força e a criatividade das mulheres originárias que transparecem seus modos de vida. No reconto, quem transmite a história já conhecida se apropria de novos recursos para comunicar a mesma mensagem, oferecendo possibilidades de compreensão e de reinterpretação, mas preservando a fidelidade à narrativa original. Gotlib (1990) destaca que:

O contar (do latim *computare*) uma estória, em princípio, oralmente, evolui para o registrar as estórias, por escrito. Mas o contar não é simplesmente um relatar acontecimentos ou ações. Pois relatar implica que o acontecido seja trazido outra vez, isto é: re (outra vez) mais latum (trazido), que vem de fero (eu trago). Por vezes é trazido outra vez por alguém que ou foi testemunha ou teve notícia do acontecido (Gotlib, 1990, p. 8).

O trecho evidencia a distinção entre o ato de contar e o de recontar. Recontar não significa apenas relatar acontecimentos, mas reconstruí-los e trazê-los à tona de forma ressignificada pela voz de quem narra. Narrativas antes transmitidas pela oralidade passam agora ao registro escrito, o que permite que histórias e mitos de origem permaneçam vivos não apenas na memória dos que viveram ou ouviram, mas também de modo palpável, nos textos, para que possam ser lidos e revividos. Essa prática é fundamental, pois fortalece os vínculos entre memória, oralidade e criatividade, possibilitando a circulação de novas ressignificações das narrativas.

Para os povos indígenas, os contos e recontos têm grandes significados, são permeados de valores culturais e ancestrais, eles não são vistos como simples histórias de entretenimento, eles preservam a memória coletiva, transmitem os conhecimentos e as experiências ancestrais de cada povo que ao serem contados e recontados, fortalecem o pertencimento indígena, ao mesmo tempo em que mantêm vivos esses conhecimentos para as próximas gerações. Outro elo que os contos e recontos dos povos originários reafirmam são as suas conexões com o território, muitos dos contos indígenas falam da origem da vida, da natureza e como ela se relaciona com os seus.

Nesse sentido Julie Dorrico (2018, p. 230) destaca que “o lugar de fala indígena é a sua ancestralidade”. É justamente dessas conexões com seus ancestrais, dessas experiências vividas e herdadas que emergem os contos e recontos indígenas. Além disso, a concepção de território para os povos indígenas vai além de um espaço físico, é um lugar contemplado por elementos espirituais, invisíveis e ancestrais nos quais demonstram profundo respeito à Mãe Terra, construindo relações que representam a cosmovisão, a interconexão e o espaço como memória e pertencimento, onde estão presentes suas histórias, seus ancestrais e suas ligações.

Nesse sentido, como nos contos indígenas, o tempo é visto de forma cíclica, que envolve as relações ancestrais, a relação com a Natureza, a relação com os corpos, sem separar tempo e espaço, conectando as experiências vividas ontem e hoje, ele não se restringe a um gênero literário no sentido ocidental, pois não seguem uma linearidade, pois o tempo é visto de forma em que passado, presente e futuro se entrelaçam. As construções dos contos e recontos não podem ser

desvinculadas do meio em que esses estão inseridos, relação criada através do respeito e cuidado com a Mãe Terra.

Portanto, é importante reconhecer a importância dos contos indígenas na retomada das memórias e como resistência cultural, pois carregam consigo a sabedoria, culturas e pertencimento dos povos que ao longo dos séculos foram estereotipados e silenciados, e que a partir de suas vozes, desse encontro da oralidade com a escrita, conseguem evidenciar seus modos de existir e compreender o mundo. Reconhecer o gênero conto é reconhecer que ele ultrapassa fronteiras formais e históricas, podendo tanto encantar pela sua narrativa curta e intensa, como pelos seus meios de transmitir memórias e simbologias.

No presente trabalho, foram selecionados um conto do povo Omágua-kambéba e um reconto do povo Tabajara, nessas narrativas é possível notar como a escrita reflete os traços da oralidade, assim como a mesma é repassada, sempre respeitando e valorizando as cosmologias indígenas e mostrando um espaço que é permeado de ancestralidade e memórias.

3 ESPAÇO E MEMÓRIA NOS DOIS (RE)CONTOS

Os modos de existir e as visões de mundo dos povos originários refletem em seus modos de escrita, uma escrita que aos olhos da sociedade ocidental não se encaixa aos limites impostos pelo cânone literário, isso acaba por ocasionar diversos desafios de circulação, dificultando o seu consumo e o seu devido reconhecimento. No caso da obra *Originárias*, traz vozes femininas indígenas, um duplo fator de marginalização dentro do mercado editorial, inclusive pelo fato de serem escritas de autoria feminina, em um sistema literário onde as mulheres, na maioria das vezes, se denominavam com pseudônimos masculinos para evitarem julgamentos e receberem a aprovação do público. Além da antologia aqui analisada ser de autoria dos povos originários, todas são mulheres, mostrando suas forças na luta contra a destruição de seus corpos e sonhos.

Para além das formas de ver e existir no mundo, outro fator redundante na desvalorização dessa literatura é por possuir textualidades diferentes, uma textualidade que não considera apenas fatores estéticos. Janice Thiél (2012, p. 35) afirma que “Os escritores indígenas desenvolvem práticas textuais extra ocidentais e expressam-se a partir da tradição oral e pictórica.” Ressaltando que a literatura indígena se difere das representações advindas do pensamento ocidental (perspectiva advinda da Europa e das Américas que valoriza a razão, a ciência e a lógica e o progresso como formas superiores de conhecimento), linear (visão de tempo como uma linha reta, com começo, meio e fim) e cartesiano (vindo da filosofia de Descartes, analisa tudo em partes e valoriza a lógica). Por isso, extraocidentais, pois são práticas textuais que vão além e distanciam-se da lógica ocidental, e pictórica por carregarem junto com esses textos, as imagens, que antes mesmo da escrita, já existiam como forma de expressão e comunicação através do imagético. Carregar essas imagens é fortalecer o conhecimento e a memória ancestral. Assim, percebemos que a literatura indígena vai além de um texto escrito, abarcando a oralidade, o imagético e a ancestralidade.

A categoria espaço vem sendo analisada por diversos estudiosos, nas quais foram desenvolvidas ao longo desses anos diferentes concepções no que diz respeito a isso, as terminações das noções de espaço variam entre diferentes disciplinas, desde filosofia, geografia e antropologia. Para escolher conceitos úteis à

topoanálise (análise do espaço na literatura), é necessário observar as diferentes abordagens acerca disso. Mostram-se definições que seguem o pensamento aristotélico, que usam a lógica dedutiva e entende como lugar o ambiente envolta do corpo até mesmo se utilizando desse raciocínio para mostrar que espaço e lugar por muitas vezes acabam sendo vistos como sinônimos. Nos estudos de Yi-Fu Tuan (1983), o espaço se diferencia do lugar, sendo o espaço entendido como algo abstrato e o lugar ligado a algo mais concreto, ligado à experiência e às significações que as pessoas dão a ele. O espaço, nesse caso, viraria um lugar de acordo com as especificidades e os usos atrelados a ele. Há três formas de se pensar a natureza do espaço, a concepção clássica, como o local em que estão postos certos objetos no mundo, como recipiente, que contém objetos, e de acordo com Einstein, como campo, concepção que aflora com a física moderna, na qual o tempo surge como uma quarta dimensão inseparável. Ao que diz respeito a pergunta se o espaço é real, é enumerado principais respostas, são elas: (i) uma visão física/teológica (espaço como atributo do mundo ou de uma divindade); (ii) a subjetividade do espaço, onde realidades espaciais dependem de quem as percebe e (iii) a questão da métrica/estrutura do espaço, que ganha complexidade com geometrias não-euclidianas e coloca dúvidas sobre a absoluta correspondência entre espaço geométrico e espaço “real” (Filho, 2007).

Mesmo Borges Filho trazendo diferentes teorias e concepções acerca do espaço ao longo da história, ele defende o espaço como uma categoria analítica, que na maioria das vezes é centralizada em uma perspectiva ocidental, que privilegia uma abordagem que analisa o espaço para fins literários, dentro de um universo ficcional, quando na verdade, é um conceito multifacetado, existem outras perspectivas de espaço que vão além de uma narrativa específica ou da construção que lhe foi imposta.

Enquanto por um lado a tradição ocidental quer delimitar o espaço por perspectivas universais, os povos indígenas mantêm com esse uma relação única de respeito e cuidado, considerando como um ambiente sagrado, cada elemento, como os rios, as árvores, as montanhas, o território em si, é carregado de experiências e significações singulares para cada povo, mas sempre carregando memórias, sentimentos e saberes ancestrais. Esse cuidado e respeito é fruto da consideração do espaço como um elemento vivo, no qual se mantém uma relação indissociável. Diante disso, Ailton Krenak (2020, p. 24) elenca “Observamos a terra, o céu e sentimos que não estamos dissociados dos outros seres.” Isso nos mostra que a conexão vai além do conceito de localidade, tendo em vista que é um espaço construído através da reconstrução das memórias de acordo com a relação com o meio, vendo como parte integrante da existência, se diferenciando dos modelos ocidentais que costumam vê-lo como objeto de análise, que costuma separar sujeito e espaço.

3.1 O espaço como guardião das memórias

No conto *A onça-pintada no pescoço de Kauany, a guardiã dos segredos*, tem-se uma aldeia que tinha formato de sol, orientada pelo nascente e poente, e durante um dia as mulheres se reuniram para o nascimento de uma menina, denominada pela sua ancestral de Kauany, a guardiã dos segredos, que nasceu com uma onça-pintada envolta do pescoço. Um dia, um homem mau colocou fogo na aldeia e só sobreviveram Kauany e Apoena, seu irmão. Quando seu irmão completou 12 anos, um grande espírito lhe disse que ele precisava atravessar a

floresta, ao chegar em uma cidade governada por um rei, conheceria o príncipe. Após o príncipe descobrir a existência de sua irmã, exige que Apoena a apresente para que se case com ela. Sua irmã tinha ficado na caverna com a onça-pintada, mas a onça acaba por deixar Kauany sozinha por um curto período de tempo e a aconselha a não sair, nesse meio tempo, duas mulheres movidas pela inveja, encontram Kauany e arrancam seus olhos e a abandonam na mata.

Em um ato de justiça e proteção, a onça ajuda Kauany a recuperar sua visão negociando buquês de flores por seus olhos. Após isso, ela a leva para reencontrar seu irmão e, em defesa dos irmãos, a onça devora o príncipe, a mãe dele e as duas mulheres. Logo em seguida, segue de volta à comunidade indígena e a onça permanece como guardiã da aldeia, os protegendo até os dias de hoje.

A onça-pintada no pescoço de Kauany, a guardiã dos segredos, foi escrita por Auritha Tabajara, a primeira cordelista indígena do Brasil. Tabajara é escritora, poeta, contadora de histórias e ativista dos direitos das mulheres e da comunidade LGBTQIAP+ indígenas, pertencente à etnia Tabajara. Este povo tem origem no tronco linguístico tupi antigo, mas devido a colonização que trouxe consigo os processos de miscigenação e desculturação, esses povos foram forçados a abandonar suas línguas de origem e se adequarem ao português. No entanto, muitos termos, mitos de origem e rituais se mantiveram através da oralidade, o que permitiu a luta para recuperar e reavivar os aspectos da língua. Os Tabajara estão presentes em grande parte do Nordeste, em estados como Ceará, Piauí e Paraíba, e seguem lutando pela reconstrução das suas pertencências étnicas, preservando suas memórias e cosmologias, após anos de silenciamento.

Diante disso, percebemos que as memórias indígenas têm suas raízes através da oralidade, histórias passadas de geração em geração fortalecendo os laços de ancestralidade. As construções dessas memórias não podem ser desvinculadas do meio em que esses estão inseridas. A priori, podemos destacar a importância e os traços da oralidade presentes no relato aqui analisado, quando no início tem-se: “dizem os nossos velhos, e assim conta minha vó” (Tabajara, 2023, p. 73). Aspecto importante, pois a história que é narrada vem sendo passada entre gerações, reforçando as histórias memoriais, as cosmologias e os vínculos com a Mãe Terra, utilizando dessa narrativa como meio de transmissão viva, demonstrando que o que será lido são testemunhos de antepassados.

Além disso, nota-se a preservação dos seus traços orais através de vocábulos e expressões como: curumim (menino), caído de cama (apaixonado, arriado de amor), vai dar em cabeça de gente (expressão idiomática que alerta e sugere que algo vai dar errado), apesar do relato ser escrito em português, a preservação desses termos demonstram os traços de alteridade, mantendo a cultura e as memórias vivas. Ao final de cada conto, também é possível acessar esses vocábulos utilizados, bem como informações sobre a etnia da autora, o que permite entender melhor os sentidos culturais dessas palavras, fortalecendo o sentimento de pertencimento e a ancestralidade das narrativas.

No início da narrativa, ao expressar o espaço em que se situavam as aldeias que moravam, descreve-o como espaço cosmológico, como formato de um grande sol, onde as casas eram construídas de acordo com a orientação do sol, respeitando os ciclos naturais e mostrando a importância da influência dos elementos da natureza como guia nas decisões sociais. Isso mostra que as decisões dos povos originários são guiadas por uma consciência coletiva que engloba a relação entre o espiritual, a natureza, os seres e o universo com o intuito de manter o equilíbrio e as ligações cósmicas, respeitando os valores, as crenças e as tradições.

No nascimento de Kauany, as mulheres se deslocaram para a floresta para o ritual de parto, enquanto isso, os homens se reuniam na “casa dos homens” onde ensinavam aos curumins a fazer seus arcos e flechas, esses costumes valorizam a memória cultural através do repasse dos conhecimentos em um ambiente cercado de saberes dos mais velhos e ancestrais, é o reavivar do espaço cultural. Do outro lado, as mulheres em encontro ao nascimento e em contato com a natureza, rumo ao encontro da vida diante daquilo que é considerado sagrado, o espaço de vida. Ao nascer, “o fato de a bebê ter nascido com uma oncinha-pintada enrolada no pescoço” (Tabajara, 2023, p. 74) demonstra uma ligação íntima entre o humano e a natureza, ao acompanhar Kauany desde o nascimento, vindo enrolada em seu pescoço, evidencia uma marca de proteção espiritual. A onça-pintada é símbolo da presença ancestral, que passa a proteger, guiar, curar, salvar seu povo e carregar as memórias, como pode ser notado no cuidado e proteção com Kauany e seu irmão no desenrolar da narrativa, reafirmando a interconexão entre o humano, a natureza e o espiritual.

Através disso, percebemos não só a relação do humano com a natureza, mas em especial, esse contato do feminino com ela. O cuidado do ritual no parto perante a natureza, utilizando da floresta como espaço de transmissão feminina e ao mesmo tempo a proteção da Mãe Terra com os seus, que pode ser vista pela onça-pintada que acompanha Kauany desde seu nascimento. A esse respeito, Rita Olivieri-Godet (2020, p. 18) destaca em seu livro *Vozes de mulheres ameríndias nas literaturas brasileira e quebequense* acerca da literatura indígena: “O caráter cosmológico e mítico dessa literatura orienta também minha atenção para o território, que se expressa, entre outros, pelo arquétipo feminino que cria a vida”. Portanto, essa literatura traz a tona uma visão de mundo que conecta os seres, o cosmos, a natureza, o sagrado, mencionando o arquétipo feminino que cria a vida, tecendo laços entre a mulher e a fertilidade, assim como a natureza e a existência, que no caso do conto, há essa comunhão com a mata e os ritos que evocam o sagrado, mantendo a ligação com a origem. Essa dimensão simbólica pode ser vista no momento em que a ancestral nomeia Kauany, revelando a ligação e as cosmologias de seu povo:

A ancestral chamou a criança de KAUANY, a guardiã dos segredos. Como manda a tradição, a mãe só voltou para a aldeia depois de quarenta dias. Durante esse tempo, é preciso se resguardar porque precisamos cuidar espiritualmente da nossa criança e harmonizar o nosso corpo com as ervas da mata (Tabajara, 2023, p. 74).

Ressaltando o cuidado e a proteção com o espaço, esse tempo separado para ficar resguardada com a natureza, mostra as mulheres como guardiãs dos saberes curativos, utilizando dos meios naturais e do ambiente como casa para os cuidados e harmonia do corpo. Tanto esse ritual dos 40 dias quanto o regresso à aldeia e o grande espírito que nomeia Kauany, mostram um tempo circular, que não segue uma linearidade. Os ancestrais nomeiam dando uma visão de futuro como “guardiã dos segredos”, o que resulta em uma conversa entre passado e presente que estão sendo transmitidos até hoje, portanto, a narrativa repassa informações do passado como algo que constitui o presente.

Na cosmologia indígena, o tempo é cíclico e espiralar, marcado pelas narrativas ancestrais, pelos ritos sagrados, pelas sensações e pelas histórias que perpassam gerações, se ressignificam e ressoam a cultura de forma que a mesma continue viva. Os espaços que compõem a maioria das narrativas não se limitam à

questão geográfica, física, visível, mas é contemplado por territórios espirituais, invisíveis e ancestrais nos quais demonstram profundo respeito a Mãe Terra, construindo relações que representam a cosmovisão, a interconexão e o espaço como memória e pertencimento, onde estão presentes suas histórias, seus ancestrais e suas ligações. Como enfatiza Olivieri-Godet (2020, p. 128): “A preponderância do espaço-tempo, caracterizada por uma estrutura circular, determina a organização discursiva [...]”. Desse modo, as narrativas indígenas envolvem o espaço e o tempo como elemento crucial na construção das ações dos indivíduos, influenciando seus discursos, ações, pensamentos e crenças. Espaços-tempos que não seguem uma linearidade, mas um movimento cíclico que compõem as cosmovisões indígenas.

Ao final da narrativa, a onça se torna guardiã na entrada da aldeia: “Juntos, a oncinha, Kauany e Apoena partiram em direção à aldeia. Contam os nossos velhos que até hoje a oncinha está lá, na entrada da aldeia. A oncinha é nossa protetora. A gente não precisa vê-la para acreditar nela e respeitá-la” (Tabajara, 2023, p. 79). A onça “como guardiã na entrada da aldeia” transmite proteção e preservação da memória, mesmo que em uma presença invisível, ela pode ser sentida, pois transmite um território sagrado e protegido pelos ancestrais, guardada na memória dos saberes, se torna presença protetora.

O território indígena, portanto, é concebido como espaço habitado por forças espirituais que asseguram a continuidade da vida, carrega as histórias, as lutas, as tradições, os mitos, os rituais, as espiritualidades e também fator importante no meio da vida, pois disponibilizam alimentos, água, plantas medicinais, sendo parte integrante da existência. Portanto, valorizar esse espaço vai além de questões territoriais, é uma luta pelo pertencimento e continuidade deste. Como enfatiza Eliane Potiguara:

Um território não é apenas um pedaço ou vastidão de terras. Um território traz marcas de séculos, de cultura, de tradições. É um espaço verdadeiramente ético, não é apenas um espaço físico como muitos políticos querem impor. Território é quase sinônimo de ética e dignidade. Território é vida, é biodiversidade, é um conjunto de elementos que compõem e legitimam a existência indígena. Território é cosmologia que passa inclusive pela ancestralidade (Potiguara, 2019, p. 119).

A citação revela que para os povos indígenas a concepção de território envolve um espaço de vida que engloba suas experiências, histórias e heranças ancestrais. Não é apenas um pedaço de terra, mas a representação de um povo. As narrativas e dignidades desses povos estão guardadas ali, em um espaço que simboliza respeito, pois é através dele, que é vivo e parte responsável pelo pertencimento indígena que se perpetuam suas culturas. Percebemos a transposição desse modo de ver o território no conto aqui analisado, quando na narrativa, o espaço ultrapassa o espaço físico, se tornando um território permeado de espiritualidade e significações. A natureza e seus elementos são responsáveis por cuidar e guardar as memórias de seu povo. Essa representação vem através da energia simbólica da onça-pintada, elemento responsável por ligar a natureza e o humano, realçando a cosmologia indígena e mostrando que o território e os elementos que o compõem, reafirmam a (re)existência indígena. Assim, a onça-pintada aparece como símbolo de força, sabedoria e proteção, ultrapassando à imagem que lhe limita apenas como grande felino da natureza.

Portanto, o reconto transmite a reconstrução das memórias coletivas por meio da presença ancestral da onça-pintada, a grande heroína da narrativa, que se situa quase como uma entidade, portadora de habilidades propriamente ditas de conhecimentos humanos, atuando como guardiã e protetora da aldeia até hoje. Ela atua como ponte das ligações dos povos originários com o sagrado, cultivando assim a relação de cuidado e respeito pelo espaço, que é responsável por guardar saberes ancestrais e coletivos, sendo um fator importante como resistência cultural, trazendo para o presente as cosmologias e tradições indígenas, mantendo-as vivas.

3.2 O espaço como intermédio de memória e ancestralidade

O conto *Omáua, a menina que mora no fundo dos rios* traz à tona a história de Omáua, repassada através da professora Alzira para seus alunos, inspirada em um sonho antigo. Ela explica que existe um povo indígena que antigamente chamava-se Omáua, hoje conhecidos como Omágua ou Kambeba, pertencente à família Tupi-Guarani. Em seguida, conta para as crianças que há muito tempo os holandeses chegaram cobijando tudo que os Omágua tinham e amavam.

Após uma pausa, torna a contar a história de uma mulher indígena que ao casar com um holandês, tiveram uma filha, que morreu logo após o nascimento. Tomada pela dor, a mãe se debruça às margens do rio Amazonas, acaba caindo em sono e sonhando que suas lágrimas encheram os rios tornando suas águas doces e puras. Durante esse instante, lhe apareceu a filha espiritual do Amazonas, que mora no coração de todos. Omáua disse à mãe: “Sou eu, a menina que corre sob os rios... Sou eu que acalanto as crianças quando sentem fome e dor... Sou eu que ajudo as mães e os bebês na hora do nascimento... Sou mulher antiga e do hoje, em ação com o todo tempo. Eu sou o antes, o durante e o depois” (Potiguara, 2023, p. 14-15).

Ao acordar, a mulher compreende que sua luta não foi em vão, aquele era um sinal de seus ancestrais para que fizesse arte da própria história, preservando a vida e a memória de seu povo. Tia Alzira encerra dizendo às crianças que a partir daquele dia, farão semanas de apresentações de artes indígenas na escola, porque essas produções representam a ligação sagrada entre o universo, o amor e a força de um povo, afirmando que: “Todos nós somos indígenas quando amamos e cuidamos da natureza” (Potiguara, 2023, p. 16). As crianças ficam empolgadas para saberem mais, mas ela conclui dizendo que cada coisa tem seu tempo.

Omáua, a menina que mora no fundo dos rios foi escrito por Eliane Potiguara, uma escritora, poeta, professora, e ativista indígena de etnia Potiguara, pertencente aos povos originários do Nordeste brasileiro. Os Potiguara, desde a colonização, seguem lutando em busca de preservar seu território e modos de vida através do reavivar linguístico e de práticas culturais. Apesar de Eliane Potiguara ser da etnia Potiguara, ela escreve sobre o povo Kambeba, reavivando as memórias de um povo de outra etnia. Isso revela laços entre as diferentes etnias dos povos indígenas, mostrando que apesar de possuírem histórias e culturas diferentes, lutam pelos mesmos motivos, mostrar a importância das narrativas de diferentes povos, valorizando diferentes culturas de modo que reafirme não só uma voz, mas diferentes vozes, de diferentes etnias, valorizando a literatura indígena contemporânea, mostrando que apesar das diferenças, são vozes coletivas que compartilham das mesmas cosmologias, que vão além de questões étnicas.

Seguindo esse pensamento, antes da colonização europeia, o povo Omágua-Kambeba povoou grande parte da Amazônia. Com a chegada dos colonizadores sofreram perseguições violentas que os obrigaram a deixar suas

comunidades e se esconderem, mas isso serviu como efeito de resistência, incentivando a reconstrução das tradições e rituais de origem Kambeba. De acordo com Márcia Kambeba, “Omágua” representa “cabeça de homem” e “Kambeba” significa “cabeça-chata”. Essa terminologia é fruto do costume de remodelação do crânio, onde esses povos utilizavam-se de materiais como pranchas de madeiras e faixas ao redor do crânio. Esses costumes tinham grande valor simbólico, agindo como meio de se diferenciarem e marcarem suas características étnicas. Ambos os termos, são utilizados para se remeter a esses povos.

Inicialmente, por se tratar de uma narrativa passada por uma professora a seus estudantes, nota-se um espaço de transmissão entre gerações e saberes, ressignificando o espaço escolar de maneira que continue se preservando as reconstruções das memórias ancestrais, com um ensino transmitido pela oralidade, que faz com que aquele que ouve, flutue entre ambientes distintos, desde a sala de aula, à margem dos rios e a cosmologia do povo Omágua, mostrando como o ambiente funciona como um todo, interligando a natureza ao humano e sagrado, mantendo viva as tradições. Através disso, percebemos que o conto segue um espaço-tempo circular, que não segue uma linearidade, através do sonho como uma fonte de conexão ancestral entre passado e presente, habitando no presente como revelação, proteção e cura. Esse ambiente onírico para os povos indígenas vai muito além de uma junção de imagens no subconsciente durante o sono, é uma forma de preservar as ligações cósmicas, como cita Ailton Krenak:

Existem muitos tipos de sonhos. Se alguém me chama para fazer uma viagem, eu espero sonhar com aquilo. Se eu não sonhar com a viagem ou com um convite para sair de onde estou, significa que eu não vou. Nunca sei o que vou fazer antecipadamente. É uma orientação que pode ser pensada como mágica, mas, na verdade, é o nosso modo de vida. Enquanto perseverarmos nele, vamos continuar sendo quem somos. Essa experiência de uma consciência coletiva é o que orienta as minhas escolhas. É uma forma de preservar nossa integridade, nossa ligação cósmica (Krenak, 2020, p. 21).

Essa passagem revela que a interpretação em relação aos sonhos para os povos indígenas ultrapassa a concepção da tradição ocidental, que os vê como uma manifestação de imagens durante o sono. Para os povos originários os sonhos são como uma forma de orientação coletiva e sagrada. É através deles que ocorrem um dos meios de comunicação entre o humano, os cosmos e os ancestrais, tornando-se um modo de vida. Essa concepção do sonho enquanto comunicação e orientação coletiva e sagrada pode ser vista quando a professora Alzira conta a narrativa que sonhou: “Hoje a tia Alzira vai contar a história de Omáua, porque eu pensei, pensei e pensei e lembrei que há muitos anos sonhei com uma menina que estava lá dentro do coração” (Potiguara, 2023, p. 13). O espaço da narrativa transita entre diferentes camadas temporais, a do presente em que a professora repassa a história a seus alunos, a da memória em que a professora relembra para que assim seja contada e a da mulher Omágua que através do sonho mantém contato com os ancestrais. Essas camadas transcendem entre a narrativa que está sendo contada no presente e o tempo do sonho e lembrança, estabelecendo um elo entre presente e passado, um encontro com a ancestralidade e as memórias que estão no coração, como espaço simbólico das lembranças, onde a ancestralidade permanece viva.

A representação do espaço nesse contexto, não é simplesmente considerar suas características físicas, é um espaço simbólico, rodeado de ancestralidade, conhecimento e cuidado, como a margem do rio e o sonho, que se tornam um meio

de comunicação entre a ancestralidade e o presente. Quando a mãe chora às margens do rio:

Houve um holandês que se casou com uma indígena. Eles tiveram uma filha, que morreu logo após o nascimento. A mãe chorou demais, muito mesmo, debruçada à margem do RIO AMAZONAS. Depois, ela adormeceu e sonhou que suas lágrimas enchiam o rio, provendo aquela região e até mesmo lugares distantes de água doce e mineral, garantindo ar puro para o mundo inteiro. Foi então que ela apareceu, aquela que mora no coração das pessoas do mundo todo, não só dos indígenas (Potiguara, 2023, p. 14).

Nessa direção, notamos a conexão com a Natureza, que transmite visão, revelação, emoção, memória e proximidade, pois é através dessa intimidade entre o corpo e a água que surge os sonhos, as revelações e as conexões, transformando a dor da mãe em vida e purificação, mantendo a memória viva, mostrando o rio como espaço espiritual e memorial. Para os povos indígenas em suas formas de ver o mundo, consideram os rios como seres vivos e ativos em nosso meio, como enfatiza Eliane Potiguara:

A Terra é um organismo vivo que fala conosco através das chuvas, dos trovões, da luz do sol que faz crescer a vegetação, que ilumina o dia, que nos dá o néctar da vida, não só para nós, mas para todos os seres vivos terrestres, marítimos, fluviais. A lua é nossa avó, o sol é nosso avô. Nossos corpos são sagrados e de nossos úteros brotam vidas. Vivamos em harmonia então. A mulher é a terra e a terra é a mulher. Juntas, têm o que contar (Potiguara, 2023, p. 30).

Sob esse ponto de vista, a citação expõe cosmovisões indígenas que não vê a terra como eventos físicos, mas como um organismo vivo, cheio de conhecimento e espiritualidade, que se comunica com os seus e tem a mesma importância que os seres humanos no meio de vida, somos parte de um todo. Aqui, o rio é um ser ativo, que transforma as lágrimas de uma mãe em água, que percorre até lugares distantes, se tornando fonte coletiva de vida. Além disso, ao trazer Omáua, a anciã protetora, o rio torna-se, acima de tudo, um espaço cheio de ancestralidade.

Outro aspecto notório é a ligação da terra com o feminino, ao destacar que: “a mulher é a terra e a terra é a mulher”, está sendo associando a força criadora que ambas têm, assim como a Natureza, dá a vida e é fonte de nascimento, a mulher também tem o dom de gerar e sustentar a vida, reforçando essa duplicidade da fertilidade da terra e do feminino, são dois elementos que guardam e carregam as narrativas ancestrais de seu povo. O conto também destaca elementos naturais como o Sol e a Lua como seus ancestrais, parte da família, mostrando que a ancestralidade não é apenas humana, a Natureza, os animais, todos os seres em si carrega ancestralidade, uma ancestralidade que permite manter a memória coletiva viva, bem como os modos de vida.

Na estrutura textual, nota-se a mistura entre os diálogos, a língua portuguesa infantil, à voz didática da professora e termos etnoculturais que contam a cultura de um povo, como a passagem do termo Omáua-Omágua-Kambeba, que mostra as transformações desse termo como símbolo tanto de perda, como de resistência e adaptações linguísticas, enfatizando a variedade e misturas de termos e mundo.

“Existe um povo chamado Omágua, que no passado chamava-se Omáua. Hoje ele também é conhecido como Kambeba e fala uma língua diferente, da família Tupi-Guarani” (Potiguara, 2023, p. 13). Ao relembrar a história do povo Omágua, a professora transforma a sala de aula em um ambiente carregado de memória

coletiva e ancestral. Ao contar que os holandeses chegaram desejando tudo que eles amam, inclui a natureza, o sagrado, tudo que está no coração, não tiraram apenas o território físico, mas o simbólico, a memória e o pertencimento. Tudo isso deixou marcas profundas, mas continuar narrando essas perdas reafirma a memória. A narrativa também carrega frases que trazem imagens sensoriais como: “água que acalanta”, “cores do rio” e “a pele da cobra”, esses efeitos sinestésicos fortalecem a materialidade do território, destacando que a memória não é apenas narrativa, é sensorial e corporal. Para além das frases que carregam sentido sensorial, a memória também é carregada desses sentidos, podendo ser visto através da aparição de Omáua:

Foi então que ela apareceu, aquela que mora no coração de todas as pessoas do mundo todo, não só dos indígenas. Quem era ela tia (ponto de interrogação) - pergunta Olívia - Ela era a filha espiritual do rio Amazonas, aquela que nada rio acima e rio abaixo e se espalha pelos outros rios do Bra-sil, fazendo o amor FLUIR por águas, mares, lagos, lagoas, montanhas, manguezais, árvores e pessoas (Potiguara, 2023, p. 14).

A aparição de Omáua durante o sonho retrata um espaço limiar, um encontro entre o real e espiritual, Omáua, a filha espiritual do rio, vem como uma representação das memórias ancestrais, simbolizando aqueles que protegem e vivem no coração das pessoas, inspirando o amor, cuidado e respeito, como um símbolo vivo da presença dos ancestrais indígenas em todo tempo e espaço, mostrando como a natureza e o humano se fundem de forma que mantenham vivos os modos de ver e viver o mundo, na memória dos seus. Nessa perspectiva, Roland Walter no prefácio do livro *Contrapontos da Literatura Indígena Contemporânea no Brasil*, de Graça Graúna (2013, p. 11), ressalta:

Em cada cultura, a geografia (paisagem/ lugar/ espaço/ natureza/ terra) tem um papel fundamental na constituição do imaginário cultural de um povo: ela é tanto natural quanto cultural; uma entidade material e uma ideia/visão mítica que participa na definição identitária.

Sob essa ótica, o ambiente em que cada povo vive, é crucial na construção dos modos de existir, das memórias e de se reconhecer enquanto sujeitos. É nesse ambiente que surgem as relações, as crenças, os mitos, as tradições e as memórias. Logo, não tem como se desconectar deles, pois é um ambiente cercado de significados essenciais que carregam ancestralidades, ensinamentos e memórias que refletem em suas alteridades. No conto, esse vínculo pode ser percebido através do rio, do Sol e da Lua, que são elementos permeados de sabedoria. É a topografia da memória, que guarda e protege a história de um povo. Omáua surge como representação da memória viva, protegendo e guiando ao mesmo tempo em que mostra todas as formas da Natureza, como uma fusão entre corpo, espaço e tempo. Com sua aparição, Omáua afirma:

Mãe, sou eu, a menina que corre sob os rios. Sou eu que dou a eles as cores, que controlo a temperatura da água, que forneço alimento aos peixes e que protejo os pescadores de qualquer mal. Sou eu que ilumino as águas e protejo o coração das mulheres para que não sofram e sejam fortes. Sou eu que ACALANTO as crianças quando sentem fome e dor. Sou eu que ajudo as mães e os bebês na hora do nascimento. Sou eu que tiro as dores do parto e dou paz à natureza. E sou também a filha e a irmã de coração que dá intuição às meninas, às jovens, às mulheres, às viúvas, às

trabalhadoras e às anciãs. A todas fortaleço. Sou o coração que nelas bate e a alma que nelas cria. A guia na trajetória de uma vida. Eu sou a menina, a moça, a adulta e a anciã. Sou mulher antiga e do hoje, em ação com o todo do tempo. Eu sou o antes, o durante e o depois (Potiguara, 2023, p. 14-15).

Esse trecho revela a conexão entre a menina e as águas, que se misturam com o território, se tornando um espaço sagrado, uma guardiã e força protetora. Ao explicitar que é Omáua, se revela como uma presença ancestral que habita a Natureza e ultrapassa tempo e espaço, que está em tudo e em todo tempo, dando continuidade a vida e o equilíbrio ao mundo. Isso se manifesta por meio do encantamento, que para os povos indígenas é como uma conexão entre o mundo e o espiritual, permitindo a expressão das memórias ancestrais. O espaço (rio) em que Omáua está, é uma extensão de seu corpo e espírito, é onde está a memória e seus ancestrais, que sempre se renova. Isso ressalta a importância dos elementos da natureza para os povos indígenas, que os veem como guardiãs das lembranças e experiências vividas. O feminino é visto, assim como a Natureza, como força criadora e curadora ao proteger o coração das mulheres, acalantar as crianças, ajudar no nascimento e tirar as dores do parto, mostra a ligação sagrada que conecta o feminino a Mãe Terra, que gera, acolhe, renova e guia as mulheres em suas trajetórias, demonstrando que ambas compartilham o mesmo ciclo herdados dos ancestrais.

Ao afirmar que: “Eu sou a menina, a moça, a adulta e a anciã. Sou mulher antiga e do hoje, em ação com o todo do tempo. Eu sou o antes, o durante e o depois”. Manifesta-se a visão cíclica do tempo indígena, o passado, o presente e o futuro se entrelaçam, fazendo parte de um todo, criando um elo entre o humano e o cósmico. Essa construção, de um ser que vive em qualquer tempo, com conhecimentos e saberes ancestrais que guiam e protegem, rompe com a lógica ocidental linear de tempo, expressando um tempo e espaço espiritual e circular, que reflete a influência das águas e da própria Natureza. Pela fala de Omáua, vemos que na cosmovisão indígena tudo está interligado, ela é a representação da ancestralidade que habita o espaço das águas e o coração das mulheres, como símbolo de resgate das memórias, guardando e transmitindo as lembranças do seu povo, mostrando que a memória do território se renova constantemente através do espaço espiritual, permitindo que as lembranças ancestrais sejam contadas e vividas para as novas gerações.

Ao finalizar o conto, a professora destaca: “Todos nós somos indígenas quando amamos e cuidamos da natureza” (Potiguara, 2023, p. 16) e “Porque a Terra pode viver sem nós, seres humanos, mas nós não podemos viver sem a Terra.” (Potiguara, 2023, p. 15). A professora termina o conto desta forma para enfatizar que todos nós podemos pensar de acordo com os hábitos e valores dos povos originários, em ter cuidado e respeito com o meio ambiente e com os seres que nele habitam, não quer dizer que ao fazermos isso estaremos se apropriando da etnicidade e cultura indígena, o se tornar indígena é usado em um sentido simbólico, expressando as formas de existir no mundo, que faz parte da cosmologia desses povos. Portanto, todo esse zelo e amor pelo espaço para os povos indígenas é importante, pois é nele que estão seus ancestrais, a alma de seu povo e suas memórias. Diante disso, Eliane Potiguara destaca em seu livro *Metade cara, metade máscara* (2019, p. 119): “Território é cosmologia que passa inclusive pela ancestralidade”. Em consonância com essa ideia, a terra é vista como centro na existência indígena, é ela que liga o humano, o natural e o espiritual. Cada elemento

tem um papel fundamental dentro dessa cosmologia, é nela que se constrói as culturas, os ritos, a alteridade dos povos que são herdadas pelos seus ancestrais. Assim, cuidar desse meio é honrar os ancestrais que viveram e vivem nesse espaço sagrado.

No conto analisado, esse ambiente sagrado é situado como o rio Amazonas, ele se torna um espaço de memória, fonte de cuidado, histórias e energia ancestral que permanece viva protegendo e cuidando do seu povo, assim como no conto a onça pintada que, um ser da Natureza, a onça-pintada, também aparece como protetora não só daqueles que estão presentes, mas daqueles que já se foram, permanecendo viva a ancestralidade e as memórias coletivas. Em ambos, esses elementos são conexões entre o humano e o espiritual, narrativas marcadas pela oralidade e pelos conhecimentos ancestrais resgatados através do elo entre passado e presente. Outro ponto em comum é a figura feminina como centralidade nessas narrativas, onde são apresentadas como força de criação, proteção, cura e resistência, assim como a Mãe Terra.

Em linhas gerais, o reconto dos Tabajara e o conto dos Potiguara mostram que contar e recontar essas narrativas, promovem a reconstrução das memórias indígenas, é como o passado reflete no presente. O espaço nessas narrativas não são apenas um cenário, mas memória, ancestralidade e pertencimento. Promover essas narrativas em outros espaços, como na literatura escrita é a reconexão de mundos, garantindo que a mesma continue fluindo.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados mostraram que as narrativas analisadas são permeadas de cosmologias que indicam uma forte relação entre os povos indígenas com o espaço e o tempo que habitam, mais precisamente, com a Natureza. Mantendo uma indissociação com esse meio, adquirindo um modo de vida inspirado na ideia de confluência, onde a Natureza é parte de um todo, responsável por guardar e transmitir as memórias coletivas e ancestrais.

Diante dos problemas iniciais, que buscavam entender de que forma são construídas as conexões com a Natureza, e como esse espaço é responsável por preservar e transmitir as memórias coletivas e ancestrais de forma que reafirmam o pertencimento indígena, nota-se que os objetivos foram alcançados através das análises do reconto e do conto, que mostraram que o espaço não atua apenas como fator importante na construção da epistemologia indígena, mas também como símbolo de manifestação poética, onde a arte da palavra se torna incontestável, despertando a criação artística de modo que os saberes ancestrais, as memórias, as culturas e as cosmogonias se mantenham vivas.

Este estudo contribui para a ampliação e valorização acerca da Literatura Indígena Contemporânea, ao evidenciar os modos de ver e existir no mundo dos povos originários, pode contribuir para outros estudos literários em torno das diversidades e diferentes representações que se diferem de uma perspectiva eurocêntrica, além de dar visibilidade a autores(as) indígenas de narrarem suas próprias histórias, preservando suas culturas, línguas e memórias, colocando em ênfase as vozes antes marginalizadas, as reconhecendo como meio de resistência, parte fundamental da produção literária brasileira. Somado a isso, reconhece-se, contudo, a limitação acerca de textos teóricos nessa linha de pesquisa, o que dificultou a análise de narrativas como essas em que o espaço e o tempo não

seguem uma linearidade normalmente analisadas em textos literários. Diante dessa ausência, utilizamos os próprios textos literários indígenas como aporte teórico, como Eliane Potiguara e Ailton Krenak, uma vez que através deles encontramos fundamentos necessários para compreender outras formas de ver e estar no mundo.

Sugere-se, para pesquisas futuras, um aprofundamento em outras particularidades dos contos e recontos, bem como incluindo outras narrativas curtas presentes no livro, considerando as diferentes etnias e mitos de origem, analisando como esses elementos agregam na construção das memórias coletivas. O estudo também poderá servir como ponte para a integração da literatura indígena nas escolas, como meio de transmissão desses saberes, mostrando como esses discursos promovem a reexistência e ressalvam as culturas e o pertencimento dos povos originários.

Em síntese, compreender como se dá a relação entre espaço e pertencimento diante dos povos indígenas, requer entender que esse espaço é rodeado de simbologias e ancestralidades que refletem na construção das memórias coletivas. As narrativas analisadas permitem reconhecer não apenas que as vozes indígenas contêm um elo inseparável com a Natureza, mostrando como a mesma é responsável por manter as histórias desses povos viva, mas também os aspectos literários que as constituem. Essas narrativas são permeadas de personificação, onde são atribuídos aos elementos da natureza ações humanas, como os rios, as florestas e os animais. Assim, o espaço é revestido por uma atmosfera encantada, que revelam a densidade poética da literatura indígena. Portanto, este estudo reforça a importância de ouvir e valorizar a literatura dos povos originários como parte fundamental da Literatura Brasileira.

REFERÊNCIAS

BORGES FILHO, Oziris. **Espaço e literatura**: introdução à toponálise. Franca, SP: Ribeirão Gráfica e Editora, 2007.

DORRICO, Julie; DANNER, Leno Francisco; CORREIA, Heloisa Helena Siqueira; DANNER, Fernando (org.). **Literatura indígena brasileira contemporânea**: criação, crítica e recepção [recurso eletrônico]. Porto Alegre: Editora Fi, 2018.

DORRICO, Truduá; NEGRO, Mauricio (org). **Originárias**: uma antologia feminina de literatura indígena. São Paulo: Companhia das letrinhas, 2023.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar**: a perspectiva da experiência. Tradução de Livia de Oliveira. São Paulo: Difel, 1983.

GOTLIB, Nádia Battella. **Teoria do conto**. São Paulo: Ática, 1990.

GRAÚNA, Graça. **Contrapontos da literatura indígena contemporânea no Brasil**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2013.

GUERRA, Elaine Linhares de Assis. **Manual de pesquisa qualitativa**. Belo Horizonte: Grupo Ânima Educação, 2014.

KRENAK, Ailton. **A vida não é útil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

OLIVIERI-GODET, Rita. **Vozes de mulheres ameríndias nas literaturas brasileira e quebequense**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2020.

POTIGUARA, Eliane. **Metade cara, metade máscara**. 3. ed. rev. Rio de Janeiro: Grumin Edições, 2019.

POTIGUARA, Eliane. **O vento que espalha minha voz originária**. Rio de Janeiro: Grumin Edições, 2023.

THIÉL, Janice. **Pele silenciosa, pele sonora: a literatura indígena em destaque**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.

AGRADECIMENTOS

À Deus, que sempre se fez presente em minha vida, guiando meus passos e me dando discernimento para seguir ao longo dessa caminhada.

À todos os familiares que sempre me deram forças, compreensão e me incentivaram a continuar, em especial, minha mãe Edineide Ferreira, minha avó Rita Ferreira, meu avô Benedito Enéas, minha irmã Érica Eloane, minha tia Elidiane Ferreira e minha prima Evilly Lauany.

Ao meu namorado, Jandson Oliveira, seu companheirismo, apoio emocional e incentivo constante foi fundamental para superar os dias difíceis durante essa jornada.

À minha orientadora, Annie Tarsis Morais Figueiredo, pela escuta atenta, pelo olhar sensível e por sua dedicação ao conduzir este trabalho. Suas contribuições foram essenciais para o meu crescimento acadêmico.

Aos professores e professoras que contribuíram para minha formação, levarei sempre os saberes compartilhados comigo.

Às professoras que compuseram a banca examinadora, por aceitarem o convite e pela oportunidade de contribuir com este trabalho. Suas considerações foram fundamentais, enriquecendo significativamente este estudo.

Às amigadas que construí na universidade, Ana Vitória, Arielle, Adla, Milla Calixto, Márcia Gabriele, Milla Rayane, Taís e João Filho. Vocês tornaram essa caminhada mais leve.

À todos os amigos que sempre estiveram ao meu lado e torcendo por mim, em especial minhas amigas Estefany e Rianca.

E, com especial gratidão, aos escritores e escritoras indígenas que inspiraram esta pesquisa.